

JORNAL DO CONSERVATORIO.

N.º 19) *Publica-se todos os Domingos.* (Abril 12, 1839.

JORNAL DO CONSERVATORIO.

PAROCEA.

A Comissão encarregada de dar o seu parecer sobre a Tragedia intitulada Os amores de D. Pedro e D. Inez de Castro e Morte desta, leu com toda a attenção e paciencia a dicta tragedia, e unanimemente assentou que esta composição é uma daquellas que estão fóra do alcance da critica, visto que para se haver de censurar qualquer escripto cumpre que nelle se dê bom e mau, merito e demerito, como se dá geralmente nas obras humanas, ainda as mais acabadas. Desgraçadamente não está nesse caso esta, do que qualquer dos dignos Membros do Conservatorio pôde certificar-se, examinando-a: é por isso que a Comissão se abstem de fazer sobre este supposto drama, uma analyse escusada, e porventura impossivel, contentando-se com declarar simplesmente que julga não dever ser posta ás provas publicas, e entendendo que, apezar disso, o auctor merece os louvores do Conservatorio, por se haver abalançado a tractar um genero de litteratura tão difficil, com o intento de contribuir para a gloria e esplendor litterario da Patria.

Lisboa 8 de Março de 1840.

Francisco de Borja de Carvalho e Mello.

Francisco de Souza Loureiro.

A. Herculano.

Theatro Castelhana.

As vexações, de que foram alvo em His-

panha os theatros, principiaram a cessar pelos annos de 1621 em que subiu ao throno D. Philippe IV. Contava apenas este principe desasette annos, e já era mui decidida a sua paixão pelos divertimentos theatraes, de maneira que os historiadores lhe attribuem a composição de algumas comedias que nesse tempo se publicaram sem auctor certo, e dizendo apenas no frontispicio — *por un ingenio d'esta cõrte*: — tal é *O Conde d'Essca*, &c. O que é fora de duvida é, que um magnifico theatro foi per elle mandado construir no palacio de Buen-Retiro, e que ali se entretinha o rei com os poetas da cõrte representando improvisadas comedias. Nos intermedios de Luiz de Benavente acha-se uma pequena peça, obra do principe, na qual se vê o *gracioso* figurar na scena ao mesmo tempo que uma tal Juliana representa na *cazuela*, Pedro Real na platea, e outros actores dispersos pelo theatro. E' para notar haverem-se representado ultimamente em França algumas peças d'este genero no theatro do *Fau-deville*.

Davam-se n'essa epocha em Hispanha festejos que constavam de comedias, cavalladas, fogos de artificio, e láutos banquetes: segundo a relação dos auctores contemporaneos, vê-se que esses festejos eram semelhantes, não em magnificencia, aos que se acham descriptos nas obras de Molière sob o titulo de *Festas de Versailles*. Um viajante francez, que visitou a Hispanha n'esse tempo, dá os seguintes promenores ácerca de uma comedia que viu representar em San-Sebastião.

» Depois que algum tanto descancei das fadigas da jornada, tratei logo de ir ver a comedia. Não é sumptuosa a decoração do theatro, e o tablado se eleva sobre tonneis aonde assentam mal unidas pranchas; janelas mui rasgadas dão luz ao recinto, e essa luz natural muito faz perder de belleza e illusão a todo o mecanismo. Representava-se a vida de Sancto Antonio, e quando os comediantes diziam cousa que ao publico agradava, prorompiam todos os expectadores gritando — *Victoria, victoria!* — Tal é o costu-

me do paiz. Nessa comedia apparecia o diabo vestido tal e qual como os outros actores, só com a differença de trazer meias vermêllhas, e um par de *pointas* na testa. No fim de cada um dos actos da comedia principiava uma especie de mui jocosa farga, aonde o gracioso desenvolvia todo o chiste de que era susceptivel, e entre muita *babuzeira* dava que rir por seus ditos cheios do sal. Nos entre-actos executavam-se engraçadas danças ao som de harpas e guitarras.

» Ha no theatro um certo local chamado *la cazucla* (especie de varandas) aonde concorrem quasi todas as damas de mediocre virtude; os maiores fidalgos se não pejavam de as irem visitar, e tanto motim faziam em suas conversas, que havia occasiões em que nada se percebia da representação. Engraçadissimas eram a maior parte dessas damas, e muito mais chistosas se tornavam pela liberdade de suas falas, que nem as mais ponderosas circumstancias seriam capazes de sopear: sabiam as anedotas escandalosas de toda a gente, e se lhes occorresse ao pensamento um bom gracejo á custa das pessoas de SS. Magestades não deixariam de o proferir, ainda quando tivessem de certeza serem enforcadas um quarto d' hora depois. — Pode dizer-se que as comediantes são adoradas nessa corte, e não ha cortezão que não tenha por amante alguma d'essas divindades, por quem ja se têm dado boas estocadas, e a quem de continuo se dão em sacrificio sangue e vidas.»

Tal é a relação do viajante, ou para melhor dizer, um breve extracto do que elle conta, e que resumimos quanto nos foi possível por evitar repetições. — E' pois evidente que sob a protecção de D. Philippe os theatros prosperavam, e essa prosperidade se extendia á Italia, e Payzes-Baixos. O casamento da Infante sua filha com Luis XIV disseminou em França o gosto pela litteratura hispanhola, que já principiara a conhecer-se em razão da união de Luiz XIII com Anna d' Austria. Maria Thereza levou consigo a Paris uma companhia de comediantes hispanhões sob a direcção de Sebastião Prado. Representou essa companhia no theatro de *Petit-Bourbon*, e parece que foi diuturna a sua demora, segundo se colhe da vida de Francisca Beson famosa comediantes hispanhola que diz ter passado onze annos em França. Sebastião Prado não poudo perder contudo os costumes e modo de pensar do seu paiz, porque mal voltou á sua patria fez-se frade.

Eis-aquí o estado do theatro quando a morte da Rainha D. Isabel e do Infante D. Baltazar principe das Asturias fizeram com

que se fechassem per um certo prazo. O clero aproveitou logo essa occasião para de novo sollicitar que permanecessem fechados; e taes foram suas diligencias que os theatros senão tornaram a abrir senão passado muito tempo, e só com mui pezadas restricções é que a inquisição consentiu em tal.

Entre outras cousas foi prohibido aos comediantes dar representações nas casas particulares, e nos conventos de frades e freiras, como até então era costume; só o conselho de Castella podia dispensar excepcionalmente em qualquer desses casos. De tempos mui remotos data esse uso de ir representar aos conventos; até Gaspar de Villaróe, arcebispo de Lima, escreveu um livro em que pretendia provar, que um religioso não pode, sem peccar, assistir a uma representação publica, mas que é livre a um superior auctorisar as representações no interior de um convento.

A influencia que teve o clero durante o reinado de Carlos II foi assaz pernicioso para os theatros de Hispanha; e os desastres da guerra da successão não permittiram que elles prosperassem, apezar do muito que Philippe V os protegia. O gosto francez que nelles introduziu este monarcha foi tambem uma das causas da sua decadencia, pois que o povo, e a classe média, que haviam sido os grandes sustentaculos do theatro, começaram a olhal-o com indifferença, e a affastar-se delle. Seguiu-se tambem a introdução da opera italiana que um celebre Farinelli levou a Madrid, fazendo que o theatro nacional ficasse em quasi inteiro olvido, até ao reinado de Carlos III, principe que mais do que nenhum de seus antepassados se deu a proteger e animar a litteratura do seu paiz. Mas não era tão esclarecido quanto sollicito se mostrava, e os seus cuidados se applicaram especialmente ao apperfeioamento das decorações.

Concluiremos fazendo menção dos dous partidos que em Madrid se formaram n'essa epocha e que se distinguiam pelos nomes de — *Polacos*, e *Chorisos*; cada um dos partidos tinha debaixo da sua protecção uma das duas companhias que representavam na Capital. Similhanes aos *azues* e *verdes* do circo de Constantinopla, tinham adoptado para distinctivo fitas de diferentes côres que traziam nos chapéos: as dos Chorisos eram amarellas, as dos Polacos azues. Começavam por disputar, e acabavam em desordens de consequencia, de maneira que o governo para evitar esses disturbios viu-se obrigado a fundir em uma só as duas companhias.

Todas estas circumstancias produziram no theatro tal decadencia que durante o rei-

nado de Carlos IV. não houve em toda a Hispânia theatro sedentario, senão em Madrid, Sevilha, e Valencia, tendo existido mais de cem no reinado de Philippe V. A invasão dos Francezes, e as revoluções que se lhe seguiram, acabaram de arruinar o theatro na Hispânia.

— (2) —

LEONEL DA COSTA.

lento e taciturno se ia para os portuguezes o anno de 1595! — vagaroso e triste, como o que se volve pelas masmorras ao innocente sem esperança, como o que se antolha ao doente incuravel, que espera da morte um remedio; porque os portuguezes não achavam então nem remedio nem esperanças a seus pezares, e para mais lhe ser acerbo o mal, recebiam-no insuffridos; que era elle a escravidão, e esta palavra nunca pudera achar echo em o generoso Portugal! — Os fóros e isenções do reino, que D. Philippe 2.^o jurára nas Côrtes de Thomar, haviam sido infamemente violados; um jugo de ferro pezava no altivo collo dos portuguezes, e quasi lhe fazia pender a cerviz andomada: ouviam-se, a largos espaços, gritos profundos de indignação e desespero, porem as mordças dos algozes castelhanos, ou as cavernas subterraneas abaffavam os bem depressa, e depois seguia-se um socego triste, longo, e funerario como o dos tumulos, e os annos iam dest'arte uns aos outros succedendo!...

Corria pois o de 1595; um joven e guapo cavalleiro atravessava os torreados muros da antiga Scalabis, da nobre villa que presenceára os heroicos feitos dos fundadores da monarchia: — os raros habitantes, que então se encontravam nas ruas mudos e cabisbaixos, estremeceram ao vel-o; não que o confundissem com algum odiado castelhano, mas porque se lhes affigou elle um dos valentes que tinham com o Prior do Crato dado testemunho da sua lealdade insubornavel, e que ainda agora.....! — decepção cruel!...

O Cavalleiro, que veloz atravessava a nobre villa de Santarem, não podia ser desse numero, pois que naquelle tempo apenas estaria na infancia; mas ressumbrava-lhe do rosto tam nobre franqueza, tanta generosidade e suave tristura, que os bons dos burguezes não poderam deixar de sympatizar com elle, e de lhe dar no intimo d'alma um cordeal — embora!...

Mas ja vacilla o pavimento da casa paterna ao tropear pezado e firme do guerreiro; e em breve tracto por entre suspiros e lagrimas soaram os nomes de — Meu Filho! Meu Páe! — nomes de incomparavel dogura!...

Mas foi um momento, um momento de effusão! — O rosto do velho, ainda todo orvalhado de pranto delicioso, se tornou carregado ao pronunciar com voz austera e grave estas palavras:

— Porque desamparaste o teu pôsto, Leonel? — Quando me pediste licença?... Preferirias acaso ao livre e puro ambiente dos campos immortalizados por soldados portuguezes, embora nelles vejas agora de envolta castelhanos cobardes, preferir-lhes-hias este ar corrompido d'escravidão que por de sobre nós grassa, e nos pestifera ha quasi trinta annos!...

— Meu páe!...

— Soldado, porque deixaste as batalhas e os loiros e a... morte a trôco da servidão? Aprazem-te mais porventura os saráus e palestras dos tyranos como um servo, do que o silvo dos peloiros, o retinir dos feros e vozes dos cabos como portuguez e livre!... E a morte!...

— Oh meu páe! — a morte, antes a morte do que essas palavras de vergonha e horror? clamou o mancebo, cujo rosto cambiava côres a cada uma das palavras do velho; em cujo seio guerreavam a indignação e o respeito filial: — e ja, desenlaçada a coura, Leonel appresenta as cicatrizes que lhe esmaltam o nobre peito, e das quaes, verdes algumas, são penhor certo de nunca desmentida coragem; e o pobre velho as beija com enternecimento e péde perdão, e ouve com alegria os feitos do mancebo e as suas desculpas. — Leonel, mau grado ao seu reconhecido valor partilhava como tantos portuguezes os funestos effeitos da usurpação de Castella, e, porisso que valente, era em dobro odiado pelos cobardes tyranos: tinham elles querido appartal-o do theatro de seus loiros, e o mandavam combater nessas provincias, que com hardimento tam grande e generoso saccudiram o nefando e aborrecido jugo. Combater contra esses aquem Portugal devera imitar, oh isso nunca!... Leonel deixa aquelles campos onde honrara o nome portuguez e os portuguezes tam envilicidos, tam escravizados; e fôge para o ninho paterno a abaffar no ferrênho estudo e indefesa cultura das letras as saudades da liberdade, e os ais pola servidão da patria.

II.

Passados trinta annos era Leonel da Costa havido como um dos mais eruditos e consummados philologos do seu tempo. Não tinha elle entre as armas menos prezado as letras, e os auctores gregos e latinos lhe delectavam o ocio; de sorte que, quando em 1624 se publicou a sua traducção das eglogas e georgicas de Virgilio, maravilharam as annotações a esta obra pela vastidão de conhecimentos nos idiomas da grecia e roma. A traducção da Eneida seguiu de perto as Georgicas; e outras obras de merito preencheram o intervallo até á muito celebrada versão das comedias de Terencio em verso solto hendecassillabo. — Leonel da Costa comprehendeu bem todos os grandes resultados, que do theatro podiam vir para a civilização e illustração da sua patria, verdadeiras fontes da felicidade publica; e julgou que apresentando tam bem espelhado na bella linguagem portugueza um modello tam excellente do antigo theatro, um auctor que, como Terencio, se extremára tanto entre os coevos, faria a Portugal um serviço que lhe haviam de agradecer no presente e no porvir. — Como todos os juizos dos homens, tem sido este bem fallivel; pois que, o theatro portuguez, que então começava a cahir em olvido, assim tem continuado até aos nossos dias; e as speranças de Leonel da Costa foram tam mentidas, como exiguos os testemunhos de gratidão a seus cançados e porfiosos labores para aditar a patria!

III.

De nenhum modo é controverso entre os sabios têr sido Terencio o poeta comico romão que melhor e com mais gôsto e exactidão cumprisse os preceitos da poesia dramatica. — Embora nos recordem Plauto; que nós com Horacio e com o seu mesmo commentador Lambino concluirêmos, que pela má disposição e ordem de seus dramas, e por sua obscenidade, petulante e desaforada satyra é elle muito inferior a Terencio.

Tornou-se este muito digno de louvor não só pela elegancia e pureza de dicção, mas pela propriedade com que exprime o character das personagens, que introduz em seus dramas: finalmente a boa ordem e disposição da fabula, e a urbanidade e comedimento do gracêjo o fazem por extrêmo recomendavel. — Terencio era por isto tido em grande prêgo por todos os eruditos, alguns dos quaes o illustraram com mui trabalhados commentarios.

Leonel da Costa, como verdadeiro apreciador das boas lèttas, não podia desconhecer o merito d'aquelle poeta; e então resolve offerecel-o aos portuguezes d'uma maneira condigna, e o consêgue. — A propriedade da expressão, a pureza de dicção, e a phraze comica são em verdade de muito prêgo na versão das comedias de Terencio. Na versificação foi Leonel da Costa grande imitador do poeta latino; pois que se este (na opinião de Erasmo) usou de algumas liberdades para disfarçar o verso, e chegar-se quanto possível á prosa; Leonel deixando o verso rimado se aproveitou do sôlto, tomando alguma liberdade para conseguir o mesmo fim de Terencio. Talvez seja esta a razão porque os seus versos parecem as mais das vezes frouxos ou duros; mas é tambem a versão tam exacta, que, dirias, nada o ter prendido a defículdade do verso, por vezes excellente, e que dá um claro documento do merito e valia do original e versão portugueza. — Ouvi o que na comedia — o Eunucho — diz um adulator.

» Ha um genero de homens que primeiros,
 » E superiores quèrem ser em tudo,
 » E não no são por certo; a estes sigo,
 » A estes me disponho de maneira
 » Que se riam de mim; mas eu por elles
 » Me rio por meu gôsto, e juntamente
 » Louvo todo espantado seus ingenhos:
 » Tudo o que dizem louvo; e se de novo
 » Isso que dizem, negam; tambem louvo.
 » Nego se nega alguem; se affirma, affirmo!

IV.

Quatorze lustros tinham passado de sobre a fronte encanecida e pensadora do pobre Leonel da Costa; e ao cançado velho nem ja eram de lenitivo esses labores litterarios, que outr'ora lhe distrahiam o pensamento das desgraças, que assuberbanda a patria, lhe dillaceravam o coração! Mas um dia ouviu-se um grito que echoou em todo o Portugal; e os luzos clamaram unisonos — Liberdade e Independencia! . . . — O bom velho quasi desfalleceu de jubilo; ergueu-se tremulo e descompassado, os olhos lhe scintillaram olhando para a adaga e lança que dos muros peudiam; mas os membros decrepitos e frouxos, não responderam ao reclamo de seu peito; e então Leonel cahindo de joelhos levantou as mãos para o céu, e exclamou com Semeão. — *Nunc demitte servum tuum in pace.* . . . Mas deus lhe outhorgou ainda mais sette annos de piedosa vida; e só em 1647 foi que Leonel da Costa entregou a alma ao creador.

❖ ❖ ❖

QUALIDADES E DEVERES DO COMEDIANTE.

Já em um dos passados Numeros disse-mos alguma cousa ácerca da gesticulação theatral; muito resta com tudo a acrescentar ácerca d'essa importante *qualidade* do actor, tão apreciada dos antigos, e não menos reclamada pelos modernos.

Possuiam os Gregos uma especie de musica que chamavam *hypocritica*, isto é, imitativa; era annotada, e costumavam os auctores tragicos indicar, por meio d'essas notas, os gestos que devia fazer o actor; era tal o uzo que dessa musica tinham os Athenienses, e dos gestos que deviam ter relação com cada um dos sons, que davam immediatamente no mais pequeno erro que o comediante comettesse, e manifestavam severamente a sua desapprovação. Este exemplo, e o dos mestres de esgrima chamados *laristæ* que ensinavam em Roma aos gladiadores a arte de cahir e morrer com graça e naturalidade, ao mesmo tempo que lhes davam preceitos sobre o manejo de suas armas, provam até que ponto levavam os antigos o seu apreço pela gesticulação dos seus actores.

O comediante deve sujeitar o seu gesto ao gráu poetico e dramatico da peça que representa: deve pois elevar-se acima da natureza de maneira que harmonize com a exaggeração do sentimento que pinta, e com a mais forte intonação que deu ao seu órgão. E' manifesta a impossibilidade de exprimir phrases pomposas ou energicas, palavras canoras e escolhidas mui de proposito pelo auctor, com toda a intensidade de voz que ellas reclamam, sem acompanhar estes esforços do peito com gestos analogos, e sem fazer que a sua *mimica* participe dos mesmos esforços.

Outra razão vem ainda corroborar esta verdade. Precisa o comediante comunicar vivamente ao expectador o pensamento com que o auctor escreveu o seu papel; se o comprehende em toda a sua força, deve com igual força exprimi-lo, e fazer-se comprehender ainda quando não podesse ser ouvido: porem o meio que se tem a guardar entre esta exaggeração obrigada e o gesto immoderado e vicioso deve ser o objecto do continuo estudo do actor: cumpre que não seja guindado para poder ser nobre; que não seja frenetico em vez de apaixonado, trivial em vez de natural. Só a mais séria e porfiada

da observação é que póde indicar ao actores limites entre os quaes lhe releva proceder.

Não ha comediante que ignore, excitarem bastas vezes os applausos e admiração do publico gestos immoderados, viciosos, e de máu gosto; mas o actor que verdadeiramente sabe apreciar a sua arte, antes prefere o suffragio dos homens instruidos que para elle são de muito maior valia, do que os transportes das turbas allucinadas, e não raro prevenidas pelo habito de applaudirem defeituosissimos modellos: o talento simples, verdadeiro, bello, mais cedo ou mais tarde triumphá.

Os antigos retratos dos actores, que a gravura nos transmittiu, nol-os apresentam, apesar da grande idea de seus talentos, como uns fanfarrões empavezados, como homens affectados. Talma nos provou que era possivel obter muito mais bem merecidos louvores, adoptando outro systema a que chegou por fim a acostumar o publico. Por seu gesto e trajos fez elle recordar antigos tempos e costumes que profundamente estudava nos monumentos.—E' com similhante estudo que o actor aprenderá a conhecer os signaes com que os gregos esculptores caracterizavam as paixões, e a distinguir a nobreza e degnidade, inseparaveis de cothurno, da simplicidade da natureza: e então o actor se elevará pelo gesto até ao poeta inspirado tambem por obras primas do mesmo tempo, concebidas pelos mesmos principios.

Deve todavia o simples bom senso fazer-nos ver que o gesto statuario deve differir do gesto theatral. O primeiro que é monumental tem uma gravidade e immobilidade que muito cumpre que o actor deixe, quando tiver de exprimir affectos apaixonados:—a optica da scêna exige aquellá especie de exaggeração, de que ja falámos.

Das precedentes observações será facil concluir, que o gesto theatral deve ser o symbolo d'um idioma universal e commum a todos os homens, nunca seguindo este ou aquelle individuo, ou imitando gestos e modos de qualquer actor, por muito talentoso e acreditado que seja.

As qualidades do gesto theatral se reduzem a duas principaes que vem a ser:—*Verdade e beleza*.—A força significativa do gesto depende da sua verdade; e o que constitue a força significativa, é menos a violencia que exigem algumas situações vehementes, do que essa luminosa eloquencia que tira ao spectador toda a duvida ácerca do sentimento que se julga dever sentir o actor.—A singelleza do gesto consiste em não contrafazer o actor aquillo que lhe incumbe fazer naturalmente. A singelleza porem é apê-

nas de parecer o actor mais verdadeiro, tornando mais pathetica a expressão; mas nunca um fim a que elle se propôzha: se, mostrando-se ingenuo não for mais verdadeiro e verisimil, então será commum trivial ou nescio. Não será pois a simplicidade e singelleza d'um heróe a mesma que deve mostrar um escravo: poderá por tanto o actor ser ingenuo no papel deste, mas nunca será verdadeiro se desse modo representar uma personagem heroica.

CHRONICA THEATRAL.

Não démos no passado Numero a Chronica semanal dos nossos theatros, por falta de assumpto que offerecesse alguma novidade ou interesse: a estagnação dos negocios scenicos produziu pois o nosso silencio; e agora fundiremos em um só artigo o que das duas semanas que passaram mais releva referir.

No Theatro Normal subiu á scena um novo drama traduzido do francez, e que se intitula — *O amor de mãe* — Certo individuo, que havia cazado com uma rica herdeira, enviuvou quando a esposa dava á luz o seu primeiro filho; o innocente acompanhou a mãe para o outro mundo, e eis o nosso viuvo obrigado a entregar o dote; lembra-se elle então que uma mulher sua conhecida acabava de ser mãe; manda logo chamal-a, e propõe-lhe trocar o vivo pelo defuncto infante; — a mulher acceita! O intruzo fica herdando a fortuna da dama, e soffrendo os máus tratos do supposto pae, etc. etc. — Tal é o facto em que se basêa o drama, que ja vêdes merecer antes o titulo de *desamór* do que o de *amor de mãe*; mãe que vende o filho, que renuncia ao nome e direitos de mãe, ás caricias do fructo de seu peito! — Pois tal o nome, tal o drama; recosido indigesto de lances não preparados, de meios insufficientes ou absurdos, e de fins inverisimeis ou ridiculos: — *plaudite populi!* applaudi expectadores, que o *amor de mãe* merece o vosso amor!... E os

expectadores applaudiram! Pobres applausos, pobre peça! — O desempenho foi regular, apezar de que o Sr. Lisboa está inteiramente deslocado no seu papel: ja não assim a Sr.^a Tallas, cujos meios estão em perfeita harmonia com a parte que tem a representar, e que desempenha com bastante natural. — Sim, o desempenho foi regular; melhor do que o merecia a tal peça, de cujos defeitos não têm culpa os actores: até elles proprios sobejamente os conhecem; e bem o mostraram em a noite do sabbado 4 d'Abril, na qual foi pela primeira vez representada. Acabado o terceiro acto prorompeu o povo em applausos chamando fóra os actores; e estes não poderam suster uma risada que echoou per todo o theatro: — risada de commiseração!

Segunda feira 6 do corrente, Beneficio de Conservatorio, foi novamente á scena o drama original portuguez — *Um auto de Gil Vicente*. Certo que em Lisboa não ha individuo de bom gosto, que não tenha assistido a mais do que uma representação d'este lindo drama; aonde toda uma época se vê retracada com finissimas e verdadeiras côres; aonde o tracto da côrte do mui feliz D. Manoel se cólhe, expresso em espirituoso dialogo, ou representado em engraçados quanto innocentes festejos; aonde o *encolhido ousar* da Infante de Portugal revela amor mais profundo e mais puro, do que o não fariam sonoras e extravagantes declamações; aonde a scismadora sensibilidade de poeta portuguez se vê incarnada no terno Bernardim Ribeiro; aonde reis, e grandes, e poetas, e comediantes dizem o que devem dizer, e se amosttram como realmente são. — Não queremos nós aventurar a idea de que seja este um drama *de grande força*; um drama que arime a poderosos effeitos, sacudindo o coração, arripiando as carnes, encontrando a alma com fortissimos lances; não: este drama é porventura menos drama do que

comedia; a órbita em que se move é pequena e comprehensivel; mas, considerado dentro dos limites que o fecham, é grande o seu merecimento dramatico, e inquestionavel o litterario. --- A execução esteve muito longe de merecer, como em outra epocha, particulares elogios: a maior parte dos actores sabiam muito mal os seus papeis, e por isso não podiam dar força e expressão conveniente ao que diziam, esperando que da boca do *Ponto* filtrassem as palavras uma a uma. Não ha cousa que mais enfastie o expectador, e maior mal faça ao comico, do que estar em scena sem saber o que hade dizer! O Sr. Vanez no papel de cavalleiro italiano, que pela primeira vez desempenhou, fez por substituir condignamente o bom actor que outr'ora o representava.

Nesse mesmo dia repetiu-se a farça *Quem tem mazella* etc. O Sr. Sargedas obteve os maiores applausos, e representou e cantou e dançou com muita graça. O Sr. Theodorico Junior temos notado ja por vezes ser comico de grandes esperanças, especialmente no genero jocoso: nesta farça está elle bem em scena, mostrando muita naturalidade em todos os seus gestos, e fazendo visagens verdadeiramente comicas: -- O Sr. Lisboa tem a habilidade de apparecer com os olhos vesgos per todo o decurso da peça, não se desmintindo nem um só instante: -- finalmente, todos sem exceptuar a Sr. Joanna Carlota, vão muito bem na farça, e assim têm poderosamente concorrido para que haja agradado tanto. E' verdade que está ella mui bem revestida á portugueza; aos gracejos do original francez foram substituidos os equivalentes que em Portugal se uzam, e a phrase é sufficientemente pura, e appropriada.

No Theatro de S. Carlos foi pela primeira vez á scena em a noite de 4 d'Abril a nova opera do *maestro* Mercadante intitulada Helena de Fel-

tre: a reunião esteve brilhantissima, e tal como á muitos annos se não vira naquelle theatro; era o anniversario do Natalicio de S. M. a Rainha. Estava presente toda a côrte; tanto esta como a maior parte dos expectadores, damas e cavalheiros, estavam adornados de sumptuosas galas, e no rosto de cada um ressumbrava o jubilo que por tão fausto motivo sentiam os corações: cantou-se o hymno de 1838, entoaram-se vivas, que por muito tempo echoaram como expressão do enthusiasmo geral, e até nuvens de frescas e desfolhadas rosas involveram Os Augustos Esposos de uma athmosphera de vernal arôma. -- O publico não poude nessa noite dar a devida attenção á musica; as distracções eram muitas, os animos estavam mui enlevados para se poderem dobrar á analyse fria e placida de um treixo de musica, para apreciar o bem harmonizado dos chóros, ou a congruencia dos acompanhamentos: acabou a opera, e no fim da noite não havia quem ousasse decidir do seu merecimento, e todos perguntavam a opinião ao seu visinho: notou-se comtudo que a maior parte antes tendiam a concluir contra do que a favor da peça.

Signaes ostensivos de desapprvação se escutaram no fim da Opera, que foram ainda continuados nas repetições; mas comquanto a não tenhamos em muito, e antes pelo contrario não sympatizemos com a musica de *Elena de Feltre*, não podémos levar a bem que elles tivessem logar naquelle dia e por aquelle modo; não só por ser um anniversario tam fausto, e em que por consequencia muito devia relevar-se, mas tambem porque a opera não é tam absolutamente má, que exigisse pateada no primeiro dia. E' verdade que a musica é fria e monotona -- defeito de que a mesma orchestração se não póde, apesar da sua força, eximir; é verdade que as melodias são poucas e duras, e tem pela maior parte pequena novidade e frescura; desorte que até em nós

entrou desconfiança, que o auctor tinha pertendido pouco felizmente imitar o estylo romantico da eschola aleman; não sendo, neste caso, mais feliz com as harmonias sublimes daquelle eschola:—é verdade tudo isto, mas ainda assim a opera tem peças de muito merito, os choros são bem scriptos e de effeito, e no terceiro acto notam-se trechos que revellam o mestre:—o choro acompanhado a orgão, e a *preguiera* de Elêna são peças musicas de effeito e grato interesse. — Resumindo, concluiremos observando, que a peça não agradou, nem era muito para isso; assim como o não era para ser logo pateada.

REUNIOES LITTERARIAS DO CONSERVATORIO.

Imperio das letras e das bellas-artes váe avultando entre nós: cada dia que passa offerece uma nova conquista á nossa joven litteratura, cada hora mais a váe estribando no seu novo poder.— Aos partidos politicos, succedem-se partidos litterarios; ás ambições de mando e riquezas, a nobre emulação do talento; ás associações ambiciosas paléstras scientificas ou artisticas. —

Vão-se tornando as letras como um estandarte de reunião para todos os homens e classes; semelhantes á abobada celeste onde dirigem olhos anciados e supplicantes os povos de todas as creanças, de todas as religiões: o litterato abraça o litterato, que é seu irmão segundo as letras; o artista aperta cordealmente a mão ao artista, que é seu irmão segundo as artes! — Feliz republica litteraria, se o tempo chega em que se hão-de consumir os acontecimentos como os hemos retraçado; como nol-o dão a esperar os pronosticos e faustos presagios que se nos ant'olham!

A tendencia visivel dos animos é ésta em Portugal; segue, por instincto, o impulso dado nos paizes de civilização mais adiantada. Mas os nossos homens de letras antigos ainda se envolvem em seus preconceitos quasi aristocraticos, os nossos artistas desconsiderados, e mal afeitos á sociedade, acanhavam-se della. Era mister que alguém, em circumstancias de o dizer, dicesse a uns; — *» Não cuideis descer; a outros » Não recêcis subir ao nivel social em que vos colloca de direito a nobre profissão da arte ou da sciencia que cultivaes. »*

As reuniões litterarias e de artistas de

que vos dão exemplo todas as grandes cidades da Europa têm este fim principal.

Devemos agradecer ao Sr. Conselheiro *Almeida Gaerri* zeloso Vice-Presidente do Conservatorio o ter tomado a iniciativa, por honra do mesmo Conservatorio. O máu estado do Edificio dos Caetanos em que o seu instituto foi collocado não promette para tam cedo reunir alli (como sabemos que mais que tudo desejava) em amigavel e social companhia os amigos das nossas artes e das nossas letras: convidou-os para sua casa: e quarta feira passada tivemos o gôsto de assistir á segunda destas reuniões, que verdadeiramente foi das mais agradaveis e brilhantes que se têm visto.

As pessoas, que a ella concorreram, eram socios, professores, ou alumnos do Conservatorio, com alguns outros artistas de reputação: estavam tambem presentes os chefes de todas as instituições artisticas ou litterarias da Capital, taes como Academia de Bellas-artes, Eschola Polytechnica, Sociedade Philharmonica e Escholastico-Philomatica e todas as outras academias, sociedades, e institutos, tanto officiaes, como particulares. O Ministro do Reino ahi estava tambem como Ministro d'Instrução publica. Nesta segunda reunião executaram-se varios concertos e peças de musica vocal e instrumental, e discutiram-se objectos litterarios. A primeira fora como uma especie de introdução, e consta-nos que nas seguintes haverá tambem leituras sobre objectos de arte. — Era bello vêr como as pessoas de mais oppostos partidos politicos ahi se misturavam praticando cordealmente das letras e das artes; era bello ver, como homens de elevadas hierarchias procuravam amoldar-se até lhes ser dado entrar no talão das artes, buscando a conversação dos artistas, e familiarizando-se com esta agradável e mui proficua classe da sociedade!

Fazer conhecidos os alumnos distinctos, habitual-os á sociedade, reunir os interesses e sympathias das letras e artes, isolar esses interesses das questões e antipathias dos partidos politicos, — tal é, e se amostra, o fim d'estas reuniões. E é de esperar que desses elementos, que a custo se vão reunindo, chegue por fim a formar-se um Atheneu semelhante aos que adornam as outras Capitães da Europa: instituições de relevantissimo interesse, e que, se chegámos a ver em Portugal, como esperámos, teremos de chamar ingratos aos nossos concidadãos, se não saudarem com mais um agradecimento o homem que é esteio da nossa litteratura.

Typ. de Luis Correia da Cunha.
Costa do Castello N.º 15.